



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2477 - Pôster - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 06 - Educação Popular

EDUCAÇÃO FREIREANA: UMA PROPOSTA DIALÓGICA DE HUMANIZAÇÃO
Rodrigo Bravin - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

O presente trabalho, que é um recorte da dissertação de mestrado, objetiva descrever compreensivamente o conceito de educação problematizadora de Paulo Freire (2005). Para isso, se dedica às discussões produzidas pelo autor, especialmente, na obra “Pedagogia do oprimido”.

Pensar uma educação freireana é reconhecer que toda prática pedagógica é fundamentalmente política e que deve estar alinhada como uma proposta de humanização, tendo como direção o diálogo que é reconhecido pelo pensador como uma “necessidade existencial”.

Palavras-chave: Humanização, educação bancária, educação problematizadora.

EDUCAÇÃO FREIREANA: UMA PROPOSTA DIALÓGICA DE HUMANIZAÇÃO

Resumo

O presente trabalho, recorte da dissertação de mestrado, objetiva descrever compreensivamente o conceito de educação problematizadora de Paulo Freire (2005). Para isso, se dedica às discussões produzidas pelo autor, especialmente, na obra “Pedagogia do oprimido”. Pensar uma educação freireana é reconhecer que toda prática pedagógica é fundamentalmente política e que deve estar alinhada como uma proposta de humanização, tendo como direção o diálogo, reconhecido pelo pensador como uma “necessidade existencial”.

Palavras-chave: Humanização, educação bancária, educação problematizadora

Introdução

A educação é como processo de conhecimento, formação política, manifestação ética, procura da boniteza, capacitação científica e técnica, [...] é prática indispensável aos seres humanos e deles específica na História como movimento, como luta (FREIRE, 2005, p.10).

Paulo Freire, em toda a sua pedagogia, aposta numa educação centrada no diálogo e no amor e que alie reflexão e ação. Em suas produções teóricas e práticas sociais, o pensador denuncia um mundo marcado pela desigualdade social, exclusão e desumanização dos homens. Por isso, ensina que a educação não deve ser vista como uma ferramenta de mudança dos seres humanos, mas como um meio de refletir com as pessoas e contribuir para a transformação do mundo, tornando-o mais humano e igualitário.

Desvelando as concepções freireanas de educação bancária e educação problematizadora

Freire (2005) nos toca ao falar do processo educativo e discute duas concepções de educação muito distintas que são a “educação bancária” e a “educação problematizadora”. Na primeira os educandos são entendidos como depósito de conhecimento e fixados na posição de aprendentes. A relação é vertical e fundamentada em narrações e dissertações que trazem a realidade distante da vida dos educandos.

Narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sem valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica um sujeito – narrador – e objetos pacientes, ouvintes – os educados (p. 65).

O autor salienta que no “banquarismo” a palavra é som, carece de sentido transformando-se em “*verbosidade alienante*”. O narrador é o sujeito do processo e o educando é aquele que precisa memorizar mecanicamente tudo que lhe é passado para ser cada vez melhor. “[...] Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante [...]” (FREIRE, 2005, p. 66).

O educando, no modelo bancário de educação, é testado na prática do ajustamento. Está sempre em posição de reverência e inferioridade, aceitando as narrações como verdades absolutas que precisam ser internalizadas. Freire (2005, p. 69) enfatiza que os oprimidos são considerados “seres fora de” ou “à margem de”. Assim, precisam ser integrados à sociedade caso se adaptem à posição de reprodutores.

Na concepção “bancária” que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação” “bancária” mantém e estimula a contradição (p. 67).

Na educação bancária, a relação é monofônica e por isso somente o educador detém o saber e educa. O educando não tem nenhum conhecimento e necessita da direção do educador. Não existe negociação para escolha de conteúdos ou temáticas. Nesse sentido, o educador é quem controla o processo e o educando é um objeto (FREIRE, 2005).

A prática do educador ajustador é equivocadamente entendida como humanista pelo educando, pois a princípio lhe parece importante para o seu desenvolvimento. Freire (2005) desconstrói esse engano definindo o trabalho do educador bancário como humanitarista, pois pretende preservar a situação de separação e manter o educando numa posição de ignorância. O foco é modificar a mente do educando e não superar a situação de opressão.

Nesta direção Freire (2005) pontua que,

Para isso se servem da concepção e da prática “bancárias” da educação, a que juntam toda uma ação social de caráter paternalista, em que os oprimidos recebem o nome simpático de “assistidos”. São casos individuais, meros “marginalizados” que discrepam da fisionomia geral da sociedade. “Essa é boa, organizada e justa. Os oprimidos, como casos individuais, são patologia da sociedade sã, que precisa, por isso mesmo, ajustá-los a ela, mudando-lhes a mentalidade de homens ineptos e preguiçosos”. (p. 69).

Diferentemente do que afirma propor, a educação bancária mantém educador e educando em posições invariáveis, reconhecendo o primeiro como detentor de todo o saber e o segundo como um completo ignorante. Essa relação hierárquica nega a educação e o conhecimento como processos de busca e colaboração.

Outra dificuldade do “banquarismo” é de saída manter uma contradição entre educador e educando, pois suas bases estão centradas no silêncio e na aceitação passiva e acrítica da realidade. Não existe superação em um modelo de educação que se materializa nos depósitos, transferências e transmissão de conhecimentos (FREIRE, 2005).

Estudar/ ler/ sentir/ viver Paulo Freire, nos faz compreender que educação bancária é aquela em que:

- a. o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b. o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c. o educador é o que pensa; os educandos os pensados;
- d. o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- e. o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f. o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;
- g. o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- h. o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nessa escolha, se acomodam a ele;
- i. o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j. o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos (FREIRE, 2005, p.68).

Compreendendo que a vocação do homem é humanizar-se, Freire (2005) expõe os fundamentos da educação problematizadora. Para ele, uma educação crítica deve se orientar no sentido da busca e o educador que a promove precisa acreditar nos homens, crer que os seres humanos possuem um poder criador.

Superando a visão de que os educandos são depósitos, a educação problematizadora desconstrói a ideia de separação entre homens e mundo. Na verdade, os homens então com o mundo e com outros homens interligados pela comunicação. Freire (2005, p. 74) conclui que,

Não pode perceber que somente na comunicação tem sentido a vida humana. Que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes imposto. Daí que não deva ser um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repitamos, de uma realidade.

A proposta libertadora questiona e supera a contradição entre educador e educando para pavimentar uma relação dialógica, transformando um e outro em seres que se afirmam através da liberdade. O educador está a todo o momento refazendo sua prática e o educando cultivando a criticidade e investigação, pois ambos se constroem em relação.

O reconhecimento dos educandos como seres no mundo os desafia a buscar respostas para os problemas que se apresentam diariamente. Ao mesmo tempo, os estimula a pensar o mundo sempre em movimento para que consigam enxergar a realidade de forma cada vez mais crítica (FREIRE, 2005). A educação como prática da liberdade “[...] implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens” (FREIRE, 2005, p.81).

Se na educação bancária a realidade é mistificada e naturalizada, na educação problematizadora ela é desconstruída a partir do diálogo e os homens convidados a reconstruí-la tendo em vista a humanização de todos. Aqui o saber é uma busca compartilhada.

Comparando a educação bancária e a educação problematizadora, Freire (2005, p. 83) diz que:

A primeira "assistencializa"; a segunda, critica. A primeira, na medida em que, servindo à dominação, inibe a criatividade e, ainda que não podendo matar a intencionalidade da consciência como um desprender-se ao mundo, a "domestica", nega os homens na sua vocação ontológica e histórica de humanizar-se. A segunda, na medida em que, servindo à libertação, se funda na criatividade e estimula a reflexão e a ação verdadeiras dos homens sobre a realidade, responde à sua vocação, como seres que não podem autenticar-se fora da busca e da transformação criadora (FREIRE, 2005, p.83).

Por serem sujeitos históricos e de historicidade, os homens são reconhecidos pela educação problematizadora como incompletos, inconclusos e em permanente construção e reconstrução. Desse modo, é impossível construir a humanização dentro de contextos que naturalizam a desigualdade entre seres humanos.

Freire (2005) ressalta que a inconclusão humana é um *quefazer* contínuo fundamentado na práxis. Questiona-se o presente e o passado para a construção do futuro, pois nada está dado ou é imutável. O pedagogo, por ser um sujeito otimista, enxergava um futuro esperançoso construído sobre um presente revolucionário.

Os homens são projetos lançados no mundo que devem olhar o passado como possibilidade de modificação do futuro. Nesse sentido, é preciso desafiar os enganos do olhar que fataliza e imobiliza e fortalecer a visão de que situações limitadoras devem nos fazer andar para frente, buscar respostas. Esse percurso de tomada de consciência ensina que a realidade humana é histórica, construída socialmente e, por isso, passível de mudança.

Esse movimento de busca, porém, só se justifica na medida em que se dirige ao *ser mais*, à humanização dos homens. E esta, como afirmamos no primeiro capítulo, é sua vocação histórica, contraditada pela desumanização que, não sendo vocação, é viabilidade, constatável na história. E, enquanto viabilidade deve aparecer aos homens como desafio e não como freio ao ato de buscar (p. 86).

A prática de liberdade não pode ocorrer individualmente, mas na solidariedade entre os homens transformando a luta pela emancipação numa responsabilidade de todos; nem fatalismo, nem messianismo, mas ação e reflexão entre os homens, o mundo e os outros homens.

O educador libertador se move num caminho radicalmente oposto ao educador bancário. Seu compromisso é promover uma educação que estimule os educandos a buscarem a liberdade, a humanização e reconstrução do mundo de forma polissêmica.

(In) conclusões

Este texto buscou refletir sobre as contribuições de Freire (2005) quando este apresenta uma proposta de educação problematizadora, tendo como finalidade a humanização dos seres humanos. Assim, a prática do educador deve estar conectada com a defesa intransigente da democracia e a luta incansável contra as condições desumanizantes.

Freire (2005) enfatiza que todo o processo educativo é eminentemente político e evidencia uma visão de mundo, de ser humano e de sociedade. Ao defender a educação problematizadora, marca de forma contundente o caráter político da educação e aponta que o sentido final do educar é humanizar as pessoas e o mundo. Nesse sentido, sua base fundamental é o diálogo que se constrói nas interações contínuas entre educador e educando reconhecendo o poder transformador dos seres humanos.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____, **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____, **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.